

REVISTA DE AGRICULTURA

DIRETORES

Prof. N. Athanassof
Prof. Octavio Domingues
Prof. S. T. Piza Junior
Prof. Carlos T. Mendes
Prof. Ph W. C. Vasconcellos

Publicação bi-mensal de ensinamento teórico e prático

Vol. 24

JANEIRO-FEVEREIRO DE 1949

N.os 1 - 2

A erosão das terras nos cafezais (1)

CARLOS TEIXEIRA MENDES

Comparando os efeitos da erosão aos da guerra, Shepard escreveu as seguintes palavras: "o homem moderno aperfeiçoou dois inventos capazes de aniquilar por completo com a civilização. Um deles é a guerra total, outro é a erosão mundial do solo. Dos dois o mais insidioso e fatalmente destrutivo é, sem nenhuma dúvida, a erosão. A guerra desequilibra ou destrói o meio social que é matriz da civilização; a erosão do solo destrói o meio natural que constitui o seu fundamento. A guerra é mais espetacular porque faz ruir cidades, troncos e potências. Mas estas coisas podem ser refeitas. A erosão do solo que, virtualmente, vai destruindo ou arrasando as terras das quais dois bilhões de indivíduos dependem para seu pão de cada dia, alcança uma etapa irreversível na qual o homem e as suas obras serão enterradas sob as areias amontoadas do esquistamento". — Ward Shepard — "Food or Famine — The Challenge of Erosion" — 1945 — Em "Geografia da Fome — Josué de Castro — 123 - 1948.

De sobejo se tem escrito sobre a imprescindível necessidade de evitá-la e os modos de combatê-la nas terras que culti-

1) Na parte de campo deste trabalho fui muito auxiliado pelo agrônomo Eduardo Mezzacappa, administrador da Fazenda Modelo.

Da manutenção constante dêsse relêvo no solo, duas cousas podemos concluir à evidência : isenção absoluta de erosão e distribuição das chuvas de modo equitativo pelas plantas, ao contrário do que ocorre com o sistema de "curvas de nível".

Alguns fazendeiros colheram do emprêgo de tal método, com ou sem razão, a impressão de que seus cafezais pioraram. É isso possível nos solos de pouca profundidade, nos de pequena capacidade de absorpção das águas (7) ou, em qualquer caso, quando se permite a raspagem constante do solo no sentido dos camaleões, de modo a criar verdadeira "bacia" deprimida junto e para dentro da "saia" do cafeeiro. Não é êsse, evidentemente, o processo que procuraram difundir os defensores do enleiramento permanente, à frente dos quais Rogerio de Camargo e Joaquim de Barros Alcantara. O que pretendem é que, uma vez construídos os camaleões, todos os tratos culturais, as capinas especialmente, sejam realizados no lugar, sem arrastamento da terra e do "cisco" para êsses camaleões, para onde o colono intencionalmente faz convergir êsses elementos, junto das culturas que lhe são permitidas.

Façamos um enleiramento permanente sem cometermos êsse êrro, observando seus resultados atravez de duas séries prolongadas de experiências: a **primeira com forte adubação de estêrco** dentro dos sulcos, sôbre os quais se fez o enleiramento de terra, e a segunda sem essa ou qualquer outra adubação.

Para a primeira série, tomámos 10 linhas de cafeeiros da variedade "Nacional", uniformes, de 9 anos de idade, de vigor esplêndido, que haviam sido adubados com mucuna vinda de fora quatroanos antes e que, em tudo, se revelavam, pelo menos na aparência, constituindo um corpo de plantas notáveis por seu desenvolvimento e pelo aspecto de uniformidade.

Dividindo essas 10 linhas em lotes de 10 de comprimento, obtivemos 7 parcelas de 100 "pés de café" ou 300 "indivíduos", das quais abandonamos a última por se achar afetada pela proximidade de um renque de árvores. Fazendo um sulcamento

7) É possível e até provável que se verifique estagnação prejudicial de águas em solos muito compactos como certos maseapés.

profundo ao meio de cada rua, no sentido de todo o seu comprimento, empregámos forte adubação de estêrco, igual em tôda sua extensão. Fizêmo-lo em um só sentido, não o fazendo em sentido transversal. Essa adubação foi precedida da aplicação de 1 quilo de "farinha de ossos" por pé de café, após o que construímos os camaleões nas parcelas de ordem impar (1, 3 e 5), não os erguendo nas parcelas de ordem par. São, portanto, **tres repetições de cada tratamento**, com quase 100 pés de café, ou 300 indivíduos, em cada uma, como se verá no Quadro I.

Constituem ponto de partida dessa experiência, os seguintes detalhes, que convêm salientar:

- 10.) Cafezal novo, vigoroso, em plena fase de produtividade, cultivado em terra roxa granular, porosa, profunda, de diabasio, velhíssima de culturas anteriores;
- 2.0) Recebera, antecipando os camaleões, forte adubação de estêrco, por sua vez precedida de um quilo de "farinha de ossos" por pé de café;
- 3.0) Enleiramento realizado com todo o rigor em Outubro de 1935;
- 4.0) Tratamento, como o de todo o cafezal da fazenda, com o mínimo de capinas compatível com essa cultura;
- 5.0) O primeiro ano dêsse tratamento foi de pequena produção.

Dai partindo, obtivemos os números do Quadro I, que nos mostram, em todos os seus detalhes, os resultados do 1.º ano de efeitos.

Como nos demais trabalhos que temos realizado sôbre café, preferimos exprimir os resultados finais **pela soma das repetições**, em virtude das variações muito comumente apresentadas pela produção desta planta de ano para ano.

Dêsses números se conclui que houve um pequeno ganho a favor do enleiramento permanente, na proporção final de 12%. Pequeno e absolutamente não significativo, provavelmente em consequência da baixa produção de todo o cafezal.

Realizada a "esparramação do cisco", fizemos, em Agosto de 1936, o retoque, apenas retoque, dos camaleões. Tendo chovido favoravelmente, flreceu o cafezal em fins dêsse mês, pro-

duzindo em 1937, como 2.^o ano de efeitos, os dados do Quadro II, que se apresentam **exageradamente favoráveis** ao enleiramento permanente.

Não é lícito, apesar dêsse fato, atribuir-se tais efeitos somente às adubações que precederam o enleiramento, por isso que adubados foram todos os cafeeiros em igualdade de condições, quer os das parcelas não enleiradas, quer os das que receberam tal tratamento.

O que se deve concluir é que o estérco produziu muito melhores resultados sob enleiramento que do modo contrário, provavelmente devido a melhor aproveitamento das águas das chuvas.

A segunda conclusão a que devemos chegar é a de que neste segundo ano, ano de carga geral melhor que a do anterior, êsses resultados foram exaltados, exagerados mesmo, em virtude de ser, como se sabe, a produção de um ano preparada no ano precedente, quando, no nosso caso, foram empregadas aquelas adubações.

O 3.^o ano agrícola desta experiência se inicia também muito auspiciosamente, com chuvas em Agosto e Setembro, logo após o reavivamento do enleiramento. Florada intensa e uniforme em princípios de Setembro; ano excessivamente chuvoso até Março.

Sua produção fica representada no Quadro III, que nos oferece bem menores efeitos a favor do enleiramento, por causa aliás muito conhecida, de cafeeiro que muito produziu em um ano, produzirá menos no ano seguinte. É lógico, portanto, se concluir que as parcelas enleiradas, tendo frutificado quase excessivamente no segundo ano, o façam relativamente menos no terceiro; é de admirar mesmo que não tenham sido suplantadas por suas rivais sem enleiramento, tal a disparidade revelada no ano anterior.

A despeito de tudo, houve ainda melhor produção a favor das parcelas enleiradas, pôsto que de apenas 10%, sem maior significação.

Preparado o 4.^o ano desta experiência, foi êste totalmente perdido em consequência de pavorosa "chuva de pedras" que sôbre nossas experiências desabou no dia 3 de Fevereiro de 1939

(à qual em outros trabalhos temos nos referido e em outros ainda havemos de lamentar), inutilizando a produção para efeitos de dados experimentais.

Aqui termina a primeira fase desta experiência, durante a qual constatamos, sem a mínima dúvida os resultados surpreendentes do enleiramento permanente realizado após e sobre forte adubação de estêrco de curral.

Desta primeira fase aprendemos também que o efeito total do estêrco de curral, na terra roxa, a despeito das variações de produção inerentes à própria planta, se fez sentir ascensionalmente, do 1.º para o 2.º e deste para o 3.º anos, na proporção dos numeros abaixo, considerado o n.º real de cafeeiros, frações desprezadas.

Com enleiramento	100	131	138	123
Sem enleiramento	100	96	146	114
Soma dos 2 tratamentos	100	114	143	119

Infelizmente não pudemos observá-lo em sua ação na colheita do 4.º Ano, que seria em grande parte o reflexo de sua influência durante o terceiro.

Poderão parecer exagerados os efeitos do enleiramento permanente, que na média de tres anos, nos proporcionou um aumento de produção de 23% de café em côco. Em consequência desse fato e, aproveitando o interregno do ano de 1938-39, sem colheita, invertemos a posição dos tratamentos, de tal modo que, as parcelas que estiveram submetidas ao enleiramento permanente não o receberão em 1939, assim como as que não o tiveram até então, serão submetidas a êsse sistema de cultura.

Em virtude dessa nova disposição, partimos dos seguintes pontos.

1.º) — Destruindo o enleiramento antigo e aradas todas as entrelinhas, sulcamos o terreno em todo o seu comprimento, empregando a mesma quantidade de estêrco que no início desta experiência, sem a adubação fostatada; tratamento rigorosamente igual para tôdas as plantas.

2.º) — Cafezal já agora com 13 anos de idade;

3.º) — As parcelas de ordem impar ficarão sem enleiramento e as de ordem par com enleiramento;

4.º) — Que — e é o mais importante — as parcelas que agora vão receber o enleiramento, têm, como ponto de partida, um **desenvolvimento evidentemente menor** que as que vinham sendo submetidas a êsse tratamento, em virtude de sua própria ação, o que também justifica as desigualdades constatadas nas produções anteriores. Isto quer dizer que em suas três repetições, o novo enleiramento terá que elevar a produção de parcelas **visivelmente inferiores**, em confronto com as parcelas de plantas de porte e de vigor muito superiores, o que equivale a dele se exigir quase um milagre, uma prova decisiva.

No fim do 1.º ano os resultados, como se vê no Quadro IV se equivaleram, não dando ganho de causa a nenhum dos tratamentos. Já é muito a favor do enleiramento permanente, por isso que, já dissemos, partimos, para êle, de plantas visivelmente inferiores, inferioridade essa que ainda se patenteava ao se iniciar o ano agrícola de 1940-41.

Concluída a colheita de 1940 e a “esparração do cisco”, deixamos o cafezal abandonado à sua sorte, com os tratamentos culturais comuns. O ano de 1940, principalmente depois da colheita, época em que se preparava a safra de 1941, decorreu excessivamente sêco, **sêco como é raro verificar-se em nosso Estado**, em consequência do que, nesse ano, tivemos produção diminutíssima. Os números que a representam ficam registrados do Quadro V.

Conclui-se desses dados que os resultados finais deste ano falam abertamente contra o enleiramento permanente, mas não devem ser encarados tão severamente como se apresentam isoladamente pelos seguintes motivos :

1.o) Porque em cinco anos consecutivos de experiências, é a primeira vez que falham em relação ao enleiramento;

2.o) Porque foi ano de excessiva sêca, em consequência da qual verificou-se produção completamente anormal em todo o cafezal da Fazenda Modelo. Basta lembrar que em perto

de 4.000 pés de café, nessa colheita só obtivemos 118 alqueires de café em côco, o que equivale a uma produção aproximada de 22 arrobas por mil pés;

3.o) Porque as duas primeiras repetições ainda se revelaram a favor do enleiramento, só tendo discrepado a 3.a de modo tão desastrado e inexplicável.

Comparando-se êsses resultados com os de outra série que vínhamos realizando com o mesmo fim (Quadro IX) e que depois será descrita, verificámos que igual insucesso nela se observa, como que justificando a suposição da causa — a sêca excessiva de 1940.

Concluída a colheita, receberam tôdas as parcelas o mesmo tratamento: “esparramação do cisco”, retoque do enleiramento nos que o tinham, e tratos culturais comuns a toda a cultura. Decorrendo daí por diante, o ano normalmente, chegamos a Junho de 1942, quando, com maturação muito adiantada, realizámos a colheita do 3.o ano dêste novo enleiramento. O Quadro VI nos informará a respeito de sua produção, que é, no final de contas, muito levemente favorável ao processo em discussão, como que indicando que os cafeeiros, a principio inferiores, já se encontravam em pleno período de restabelecimento, fato aliás que se positivava à simples vista. É de notar, também, que a 3.a repetição que falhára clamorosamente no ano anterior, neste último se reabilita evidenciando tão bons resultados a favor do processo, quanto péssimos foram os precedentes.

Infelizmente não nos foi possível prolongar por mais dois anos esta experiência, como era de nosso intento, em consequência das repetidas geadas de Junho e Julho de 1942, que para nós, foram quase tão destruidoras como as de 1918, inutilizando dest’arte a experiência que deveria prosseguir e, no entanto, aqui termina.

CONCLUSÃO

Se é verdade que tivemos um ano de resultados totalmente negativos (1941), por causas que já procurámos explicar, não

menos verdade é que o processo do "enleiramento permanente" nos proporcionou quatro anos de efeitos positivamente favoráveis, além de um de, praticamente, empate de resultados.

Torna-se evidente nesta série de experiências, não só a ação desse método contra os malefícios da erosão, que é totalmente obstada, como também atuando o mesmo no sentido de aumento de produção, quando é precedido de forte adubação de estêrco de curral. Eis aí os resultados finais referentes à primeira série de experiências que realizámos.

A segunda série de experiências a que atrás aludimos, vai constar do emprêgo do mesmo processo, sem adubação de qualquer espécie, com o fim de servir de confronto para a primeira série que, como descrevemos, foi realizada de modo contrário.

Tomando outras 10 ruas do mesmo café "Nacional", de 11 anos de idade, em igual terra, frondoso e muito bom, as dividimos em lotes de 10 pés de altura por 5 de comprimento, de tal modo a termos 12 parcelas praticamente iguais, cada uma com, aproximadamente 50 "pés de café" ou, em seu total, 150 "indivíduos". Sem se pretender absoluto rigor, foram êsses números que entraram em jôgo.

Realizando preliminarmente a colheita de todo o café da árvore, com desprezo do do chão (Junho de 1937), obtivemos as seguintes proporções :

- 1.o) Para os que levarão enleiramento — 1.015 kgs. — 108.
- 2.o) Para os que não receberão enleiramento — 937 kgs. — 100. A diferença de 8% a mais no conjunto das parcelas que vão receber o enleiramento, nada significa pelos seguintes motivos :

- 1.o) Porque as produções do cafeeiro são muito variáveis de ano para ano, e os que menos produzem em um ano, podem produzir mais no ano seguinte, e vice-versa. Êste fenômeno constitui, aliás, regra geral quando causas estranhas não afetam parte do conjunto.

2.o) Porque, se em três casos os que vão levar enleiramento se mostraram mais produtivos que os que não o levarão, em outros três casos (1-2, 5-6 e 7-8) verifica-se o contrário.

Esse o nosso ponto de partida para a nova série de experiências: equilíbrio relativo entre os dois grupos a serem tratados ou não tratados pelo método em questão. Uma ressalva se impõe entretanto: as plantas das parcelas de N.os 8 e 12, por coincidência destinadas a serem mantidas sem enleiramento, mostravam-se, em seu aspeto, inferiores às demais, motivo pelo qual empregámos na barra do Quadro VII a devida correção.

Realizámos o enleiramento em 20 e 21-9-937 nas parcelas de ordem ímpar (1, 3, 5, 7, 9 e 11), deixando as de ordem par sem igual tratamento. Colheita em Junho de 1938, tendo a estação anterior decorrido excessivamente chuvosa. Produção de todo o cafezal relativamente pequena.

O Quadro VII nos fornece os dados dessa colheita com resultados tão surpreendentes a favor do enleiramento que não os aceitamos sem mais detida análise.

Atraz dissemos que as parcelas de N.os 8 e 12, coincidentemente sem enleiramento eram, no início, constituídas por cafeeiros de aspeto inferior ao das demais. Eliminemos, portanto, ambas do cômputo, deduzindo as médias de produção (não mais totais) e teremos os seguintes resultados:

Sem enleiramento — 125 kgs. — 100,0

Com enleiramento — 158 kgs. — 126,4

Há, conseqüentemente, mesmo depois de tais eliminações, um ganho de 26% a favor do enleiramento permanente; se, contudo, eliminássemos os “pares” afetados por tais desigualdades, as vantagens determinadas por aquele processo montariam a 38,4%, quase igual à diferença encontrada para a experiência considerada em seu conjunto.

A despeito de tão evidentes resultados, admitamos ainda a dúvida e, aproveitando o fato de termos perdido os resultados do 2.o ano de efeitos em consequência da mesma tem-

pestade de graniso de 3 de fevereiro de 1939, a que já aludimos, mudemos de plano, destruindo êsse enleiramento, primeiro a enxada e, depois, lavrando todo o lote no sentido de seu maior comprimento, **com seis sulcos profundos** de arado de aivega em cada rua de cafeeiro.

Dêste modo devem ter sido atenuadas as maiores desigualdades atribuíveis à compacidade do solo, mas ficaram, é preciso dizer e salientar, **desigualdades bem visíveis a favor das parcelas que haviam sido sujeitas ao enleiramento durante os dois anos que precederam esta inversão de posições.**

Exatamente por êsse motivo, com o intuito de mais uma vez pormos à prova êsse método de combate às erosões, **invertemos aqueles tratamentos**, de modo que as parcelas que haviam recebido o enleiramento, não o receberão mais, e as que não o haviam tido (as piores) tê-lo-ão de agora em diante. Que fique bem saliente que o novo ponto de partida é de todo **desfavorável às parcelas que vão ser eleiradas**, dentre as quais se incluem aquelas duas (8.a e 12.a) de cafeeiros menos bons.

Realizado um pouco tardiamente, em Dezembro de 1939, produziu os resultados do Quadro VIII em seu primeiro ano de efeitos.

Conclui-se desta experiência que os efeitos do enleiramento permanente se manifestaram favoráveis ao emprêgo dêsse método, não tanto pelos aumentos produzidos, que são insignificantes e desapareceriam se empregássemos qualquer dos métodos de cálculo hoje tão em voga, como, principalmente, porque as parcelas que receberam tal tratamento eram tôdas, como já salientamos, inferiores às que não ficaram sob tal regime. Além do mais, não retirámos do cômputo as parcelas de n.os 8 e 12 (agora com enleiramento) como fizemos no caso anterior. Se de modo contrário procedêssemos, elevaríamos o ganho a favor do enleiramento a **10,8%**.

Dai uma pergunta cabível : será possível que o enleiramento permanente tivesse realizado o milagre de transformar, em tão pouco tempo, duas parcelas inferiores em iguais às suas irmãs ?

Tanto é possível quanto o demonstram as produções de dois anos que se seguiram.

Concluída a colheita de 1940, fez-se a "esparraçamento do cisco" e, como nos anos anteriores, deixou-se o cafezal abandonado à sua sorte, recebendo os tratamentos culturais comuns a todo o cafezal.

O ano de 1940, após a colheita, época em que se preparava a safra de 1941, decorreu excessivamente seca, **seca como é raro verificar-se no Estado de São Paulo**, como atrás já dissemos, em consequência do que tivemos colheita diminutíssima na experiência e em toda a Fazenda Modêlo, como já salientamos ao descrever a primeira série.

Os efeitos dessa seca (ou do método adotado) se fizeram sentir, nesta experiência, paralelamente aos resultados do mesmo ano daquela série (Quadro V), como terminantemente **desfavoráveis ao enleiramento permanente**, como se constata do Quadro XI, no qual verificamos uma diminuição de produção de 10% em relação às parcelas que não receberam aquele tratamento.

Atribuir ao decorrer da estação durante a qual se preparava esta colheita, ao método, ou ao fato de serem ainda inferiores os cafeeiros que, agora enleirados, não o foram na primeira fase desta experiência?

Não o sabemos, e por isso, apenas salientamos a semelhança dos resultados, verdadeiramente negativos, coincidindo, em ambos, com época excessivamente seca.

Com tão marcado descanso para todas as plantas, pareceria forçoso que melhorasse sua produção no ano seguinte. Não é, todavia, o que vamos verificar no 3.º ano de efeitos, no qual só melhoraram evidentemente 4 das 6 repetições "com enleiramento" (piorando duas) e, ao contrário, pioraram, também evidentemente 4 das 6 repetições não enleiradas, contra duas que melhoraram de produção. Inverteram-se consequentemente, seus papéis, resultando daí ganho de causa **pró enleiramento**, por larga margem, como é fácil de verificar no Quadro X, do qual se conclui que venceu esse método de cultura, quer consideremos o conjunto da experiência, quer consideremos as repetições aos pares, caso em que o enleiramento

vence cinco vezes contra uma, e esta mesmo por insignificante diferença.

Como na primeira série de experiências, nesta perdemos o 4.º ano de observações em consequência das mesmas geadas de Junho a Julho de 1942, em virtude do que aqui encerramos esta série.

Até aqui, a despeito de alguns resultados negativos, o enleiramento permanente nos proporcionou motivos bastantes para nele acreditarmos.

Com o fim, porém, de o sujeitarmos a uma última prova, e prova decisiva, eliminemos de nossas experiências os anos de 1937 da 1.ª série, 1938 da 2.ª série e 1942, cujos resultados se apresentaram **exageradamente favoráveis** a êsse método de combate às erosões, aproveitando, consequentemente, apenas os demais, dentre os quais se fazem notar alguns de resultados negativos. Assim teremos o Quadro XI, resumo de várias experiências.

CONCLUSÃO

Mesmo nas piores condições, considerados somente os resultados verificados com o número real de cafeeiros de cada experiência, caso em que, em seu total as parcelas enleiradas entram com **menor número de plantas**, mesmo assim, o enleiramento permanente se revelou favorável à produção do cafeeiro.

Mas não era preciso tanto; bastava que não tivesse determinado diminuição para ser mais um processo a aconselhar na luta de combate à erosão.

Como, porém, nem todos os resultados se mostraram favoráveis, experimentemos ainda um outro método a êste semelhante, ao qual, de começo nos referimos — o de “cordões recortados” — que por equivaler a um meio enleiramento permanente, pode nos conduzir a conclusões negando ou corroborando os méritos que pretendemos ver naquele.

OS CORDÕES RECORTADOS

Como os descrevemos no início dêste trabalho, resumem-se êles em um semi-enleiramento permanente feito na parte de baixo de cada linha de cafeeiros.

Para os estudarmos, tomámos 8 linhas de cafeeiros, que em uma extensão de 280 metros, mostravam-se, na aparência de seu desenvolvimento, perfeitamente uniformes, a despeito de ressentir-se o conjunto de várias "falhas". Cafeeiros da variedade "Nacional", de 17 anos de idade, na mesma terra roxa das demais experiências, plantas de porte médio em consequência de muito terem sofrido com as geadas de 1942.

Dividindo êsse lote em parcelas de 8X5 pés de café, as preparamos para a experiência, iniciando por forte adubação de estêrco de curral, em "corôa" completa, no fundo da qual distribuimos um quilo de "farinha de ossos" por pé. Assim tratadas tôdas as plantas, sem excessão, para as colocarmos em igualdade de condições, praticámos o semi-enleiramento, ou seja, a confecção dos "cordões recortados", e, portanto, em forma reta, como o já atraz descrito, na primeira parcela, não o empregando na segunda, e assim sucessivamente nas 14 que se continham em tal extensão. É preciso notar que êsses cordões não coincidiam nem se sobrepunham à adubação de estêrco que os precedeu, em consequência do menor diâmetro dos cafeeiros, que dêsse modo exigiam maior aproximação da adubação em relação às plantas.

Abandonadas as duas últimas repetições, por se acharem nas proximidades de um renque de árvores, estudámos as produções das 12 restantes, ou seja, das 6 repetições de cada um dos tratamentos, o que preferimos representar por sua soma, dispensando-nos de qualquer outro cálculo pelo motivo já várias vezes exposto: a heterogeneidade e variação de produção do cafeeiro, de ano para ano.

Também, por amor à brevidade e à paciência do leitor, representaremos por quadros mais simples os resultados verificados, dispensando-nos de expor todos os detalhes, como fizemos ao descrever as primeiras experiências.

Sem nos esquecermos de que se tratava de um cafezal ruim, muito prejudicado pelas geadas de 1942, resumimos no Quadro XII os resultados dos dois primeiros anos de observações.

Dêses números, podemos deduzir as seguintes conclusões :

1.a) No primeiro ano, em que os cordões foram empregados muito tardiamente (6-1-944), seus efeitos se mostraram **desfavoráveis**, à produção, pôsto que em proporções nada significativas (6%).

2.a) No segundo ano de ação, com **produção diminuta** em consequência da precedente ter sido exagerada para cafeeiros de porte médio, anteriormente tão maltratados por geadas, seus efeitos se mostraram mais significativamente favoráveis ou, pelo menos, mais animadores.

Cumpre, entretanto, notar que nesse conjunto, de dois anos, as condições de produção foram diametralmente opostas: no primeiro, com uma média de "café em côco" de 9,3 litros por pé, dos que levaram os cordões e de 10,2 lts. para os que os não levaram, obtivemos uma média de produção, no conjunto de tôda experiência, de 153 arrobas de café total beneficiado por mil pés, ao passo que no segundo ano, êsses resultados foram de 13,8 arrobas para os primeiros e de quase 17 para os segundos.

Em consequência dêses fatos, digamos que os efeitos de tal sistema cultural se anulam nesses dois primeiros anos, tão

pouco significativas são as diferenças constatadas, tão dispares são as condições de comparação.

O 3.º ano, seguindo-se a repouso tão reconfortante e tendo decorrido de todo favorável à produção, nos proporciona os resultados do Quadro XIII, que nos mostram, antes de mais nada, uma produção real dez vezes maior que a precedente.

Concretizando assim, do modo mais resumido que é possível, verificámos pequeno ganho a favor dos cordões recortados. É insignificante a diferença, mas o que importa salientar, acima de tudo, é que não é negativa.

O ano de 1947, tendo sido de falha absoluta, preferimos nem colher sua produção, porque desprezíveis, em todos os sentidos, seriam seus resultados. Dêste modo não nos foi possível aquilatar o efeito dêsse método em seu 4.º ano de efeitos.

O 5.º ano (1947-48) assim decorreu: "esparramação do cisco" e reavivamento dos cordões em Junho de 1947, em época muito seca; seca pronunciadíssima, sem frios nem geadas, desde fins de Março até meados de Junho; verão chuvosíssimo.

Os resultados dêste ano de observações ficam registrados no mesmo Quadro XIII, em sua expressão mais simples. Dêsses números, concluimos que, pela 3.ª vez, em quatro, os "cordões recortados" mostraram um pequeno aumento de produção.

E assim, aqui encerramos esta série de experiências.

Concluamos. As nossas experiências, apresentando por vezes, resultados evidentemente discordantes, nos induzem, em seu conjunto, a acreditar que o processo do "enleiramento permanente" só pode ser benéfico, quer consideremos somente o

fenômeno da erosão, quer consideremos a melhoria de produção.

Mesmo que esta não se tivesse verificado, ainda assim o fato da erosão ser totalmente obstada, só isso bastaria para justificar seu emprêgo onde situações especiais dificultem o das curvas de nível.

Haverá casos em que se não torne aconselhável : solos pouco profundos ou de pequena capacidade de absorção, podem mostrá-lo incompatível com a vida do cafeeiro nos meses mais chuvosos do ano. Mas a não ser nesses casos, o processo deve se revelar meritório em muitos outros. Acresce ainda que em grandes extensões permite parte de sua confecção por meio de máquinas.

Tem se citado exemplos de insucesso. Nós mesmo a êles já nos referimos e êsse fato permite uma pergunta : que o praticou comparativamente e em igualdade de condições com parcelas não enleiradas ?

O fato de um administrador nos ter asseverado que a princípio o processo produziu bons resultados, para mais tarde se mostrar de efeitos negativos, nada prova, por isso que, com o decorrer dos anos o cafezal envelhecera sem ter recebido a mínima adubação durante vários anos consecutivos, como êle próprio o confessára.

Outro administrador nos relatou que ao tomar conta de uma fazenda, o enleiramento permanente aí realizado era tã exagerado que difficilmente um homem de robustez normal, carregando uma saca de 60 quilos de café colhido, seria capaz de vencer um dos "cordões" sem o pisar. E é assim que, muitas vezes, se criam opiniões...

Em conclusão : não assaveramos que o enleiramento permanente produza milagres; asseveramos, porém, que pode e deve ser empregado onde outros métodos melhores de combate à erosão não o possam ser.

QUADRO IV — EFEITOS DO NOVO ENI

N.º de ordem	Tratamentos	N.º de pés formados	N.º de meios pés (1)	N.º de falhas	N.º de pés efetivos	Ao receber	
						Da árvore	
						lts.	kgs.
1	Sem enleiramento	93	7	0	96,5	1105	594
2	Com enleiramento	81	11	8	86,5	767	440
3	Sem enleiramento	81	13	6	87,5	312	200
4	Com enleiramento	70	11	19	75,5	275	138
5	Sem enleiramento	73	11	16	78,5	390	200
6	Com enleiramento	84	7	9	87,5	655	350
	Os 3 sem enleiramento	247	31	22	262,5	1807	994
	Os 3 com enleiramento	235	29	36	249,5	1697	928
	N.os pro- (Sem enleir. porcionais (Com enleir.				100,0	100,0	100,0
					94,1	93,9	93,3

(1) N.os de meios pés e 1/3 de pés calculados

QUADRO V — EFEITOS DO NOVO ENI

1	Sem enleiramento	93	7	0	96,5	246	150
2	Com enleiramento	81	11	8	86,5	247	155
3	Sem enleiramento	81	13	6	87,5	218	115
4	Com enleiramento	70	11	19	75,5	226	130
5	Sem enleiramento	73	11	16	78,5	320	160
6	Com enleiramento	84	7	9	87,5	140	100
	Os 3 sem enleiramento	247	22	31	262,5	784	425
	Os 3 com enleiramento	235	36	29	248,5	613	385
	N.os pro- (Sem enleir. porcionais (Com enleir.			100	100,0	100,0	100
					93,7	78,2	90,5

(1) Não foi feito o aproveitamento do c

QUADRO VI — EFEITOS DO NOVO ENI

1	1	Sem enleiramento	94	5	0	96,5	770	359
2	2	Com enleiramento	83	11	6	88,5	445	267
3	3	Sem enleiramento	83	14	3	90,0	265	123
4	4	Com enleiramento	75	11	14	80,5	190	89
5	5	Sem enleiramento	78	11	11	83,5	245	110
6	6	Com enleiramento	86	7	7	89,5	405	178
		Os 3 sem enleiramento	255	30	14	270,0	1280	592
		Os 3 com enleiramento	244	29	27	258,5	1040	534
		N.os pro- (Sem enleir. porcionais (Com enleir.				100,0	100,0	100,0
						99,4	81,2	90,2

(1) N.º de meios pés e 1/3 de pés reduzidos todos a meios pés.

BITOS DO ENLEIRAMENTO PERMANENTE — 1.º ANO — 1936

Ao receber do cafezal		Depois de sêco — Café em côco				Com 100 pés constan- tes — Café em côco				Totais de 100 pés			
Da árvore (1)		Varrição (2)		Da árvore		Varrição		Da árvore		Varrição		litros	quilos
lbs.	kgs.	lbs.	kgs.	lbs.	kgs.	lbs.	kgs.	lbs.	kgs.	lbs.	kgs.		
812	390			655	262	158	58	679	271	163	60	842	331
660	300			480	191	125	48	522	207	136	52	658	259
542	260			405	166	105	41	417	171	109	42	526	213
564	270			405	166	110	42	435	178	118	45	553	223
597	280			490	194	155	60	524	207	166	64	690	271
521	240			435	170	150	57	477	184	163	62	640	246
1951	930			1550	622	418	159	1620	649	438	166	2058	815
1745	810			1320	527	385	147	1434	569	417	159	1851	728
111	115			117	118	108	108	113	114	105	105	111	112
100	100			100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Não exprimimos êsses dados porque são muito grosseiros: antes da lavagem contém gua; (3) Frações despresadas

BITOS DO ENLEIRAMENTO PERMANENTE — 2.º ANO — 1937

	(1)		(2)											
1200	640	218	87	840	341	190	73	866	351	196	75	1062	462	
775	420	117	46	515	211	102	38	553	227	109	41	662	268	
950	516	103	40	660	281	90	33	680	289	92	35	772	324	
690	363	85	35	475	194	75	29	522	213	82	32	604	245	
890	458	119	51	620	255	108	43	674	277	117	46	791	323	
510	255	103	38	365	147	90	32	397	160	97	34	494	194	
3040	1614	440	178	2120	877	388	149	2220	917	405	156	2625	1073	
1975	1038	305	119	1355	552	267	99	1472	600	288	107	1760	707	
153	155	144	149	155	158	145	150	151	153	141	146	146	151	
100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	

penas aproximados pelos motivos já expostos no 1.º quadro.

ENLEIRAMENTO PERMANENTE — 3.º ANO — 1938

650	291	115	900	343	255	94,0	918	350	260	96	1178	446
530	191	75	770	298	171	61,5	802	310	178	64	980	374
400	174	70	630	243	156	57,5	649	250	161	59	810	309
410	192	76	640	239	172	60,5	666	249	179	63	845	312
470	235	90	600	277	210	75,5	638	294	223	80	861	374
430	245	92	645	244	220	79,0	679	257	231	83	910	340
1520	700	275	2130	863	621	227	2205	894	644	235	2849	1129
1370	628	243	2055	781	563	201	2147	816	588	210	2735	1026
110,8	111,4	113,1	103,6	110,5	110,3	112,9	102,6	109,5	109,5	112	104	110
100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

quadro precedente

QUADRO I — EFEITOS DO ENLEIRA

N.º de ordem	Tratamentos	N.º de pés fornados	N.º de meios pés	N.º de falhas	N.º de pés efetivos	Ao receber do café			
						Da árvore (1)		Varredura (2)	
						lbs.	kgs.	lbs.	kgs.
1	Com enleiramento	94	5	1	96,5	812	390		
2	Sem enleiramento	88	8	4	92,0	660	300		
3	Com enleiramento	97	0	3	97,0	542	260		
4	Sem enleiramento	90	6	4	93,0	564	270		
5	Com enleiramento	93	1	6	93,5	597	280		
6	Sem enleiramento	90	4	6	85,5	521	240		
	Os 3 enleirados	284	6	10	287,0	1951	930		
	Os 3 não enleirados	268	18	14	277,5	1745	810		
	N.os Pro- (Com enleir. (3))				103	111	115		
	porcionais (Sem enleir.)				100	100	100		

(1) Colheita no pano; (2) Não exprimimos esta terra, depois dela, muita água; (3) Frações de

QUADRO II — EFEITOS DO ENLEIR

N.º de ordem	Tratamentos	N.º de pés fornados	N.º de meios pés	N.º de falhas	N.º de pés efetivos	(1)			
						lbs.	kgs.	lbs.	kgs.
1	Com enleiramento	96	2	2	97,0	1200	640	218	
2	Sem enleiramento	93	3	4	94,5	775	420	117	
3	Com enleiramento	97	0	3	97,0	950	516	103	
4	Sem enleiramento	91	5	4	93,5	690	363	85	
5	Com enleiramento	92	2	6	93,0	890	458	119	
6	Sem enleiramento	92	3	5	93,5	510	255	103	
	Os 3 enleirados	285	4	11	287,0	3040	1614	440	
	Os 3 não enleirados	276	11	13	281,5	1975	1038	305	
	N.os Pro- (Com enleir. porcionais (Sem enleir.)				102	153	155	144	
					100	100	100	100	

(1) Café colhido no pano. (2) Estes pesos devem ser apenas aproximados

QUADRO III — EFEITO DO ENLEIRAMENTO P

N.º de ordem	Tratamentos	N.º de pés fornados	N.º de meios pés	N.º de falhas	N.º de pés efetivos	(1)			
						lbs.	kgs.	lbs.	kgs.
1	Com enleiramento	98	0	2	98	1235	650	291	111
2	Sem enleiramento	96	0	4	96	1063	530	191	77
3	Com enleiramento	97	0	3	97	830	400	174	77
4	Sem enleiramento	96	0	4	96	843	410	192	77
5	Com enleiramento	94	0	6	94	994	470	235	99
6	Sem enleiramento	95	0	5	95	867	430	245	99
	Os 3 enleirados	289	0	11	289	3059	1520	700	277
	Os 3 não enleirados	287	0	13	287	2773	1370	628	243
	N.os Pro- (Com enleir. porcionais (Sem enleir.)				100,6	110,3	110,8	111,4	113,3
					100	100	100	100	100

(1) e (2) As mesmas observações do quadro precedente

LEIRAMENTO PERMANENTE — 1.º ANO — 1940

do cafezal		Depois de sêco — Café em côco				Com 100 pés constan- tes - Café em côco				Totais de 100 pés	
		Da árvore		Varrição		Da árvore		Varrição		litros	quilos
lbs.	kgs.	lbs.	kgs.	lbs.	kgs.	lbs.	kgs.	lbs.	kgs.		
58	23,0	800	316	50	18,0	829,0	327,3	51,8	18,6	880,8	345,9
23	9,2	550	217	20	7,0	635,8	250,8	23,1	8,1	658,9	253,9
12	4,8	225	90	10	3,5	257,1	102,8	11,4	4,0	268,5	106,8
12	4,8	205	81	10	3,5	271,6	107,2	13,2	4,6	284,8	111,3
10	3,2	290	115	8	2,5	369,4	146,5	10,1	3,2	379,5	149,7
41	16,4	485	191	36	14,5	554,2	218,2	41,1	16,5	595,3	234,7
80,0	31,0	1315	521	68	24,0	1455,5	576,6	73,3	25,8	1528,8	602,4
76,0	30,0	1240	489	66	25,0	1461,6	576,2	77,4	29,2	1539,0	605,4
100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
95,0	96,8	94,3	93,8	97,0	104,2	100,4	100,0	105,6	113,1	100,6	100,5

dos todos em meios pés.

LEIRAMENTO PERMANENTE — 2.º ANO — 1941

(1)											
		170	70			176,1	72,5			176,1	72,5
		157	66			181,5	76,3			181,5	76,3
		148	62			169,1	70,8			169,1	70,8
		154	63			204,0	84,0			204,0	84,0
		215	90			273,8	144,6			273,8	144,6
		95	40			108,5	45,7			108,5	45,7
		533	222			619,0	257,0			619,0	257,0
		406	169			494,0	206,0			494,0	206,0
	100	100,0	100,0			100,0	100,0			100,0	100,0
		76,1	76,1			79,7	80,0			79,7	80,0

afé do chão, tão insignificante era sua quantidade.

LEIRAMENTO PERMANENTE — 3.º ANO — 1942

				(2)						
150	60	640	252			663	261		663	261
102	41	390	195			440	220		440	220
40	16	192	75			213	83		213	83
60	24	185	71			230	88		230	88
50	20	216	86			258	103		258	103
110	44	357	151			399	169		399	169
240	96	1048	413			1134	447		1134	447
272	109	932	417			1069	477		1069	477
100,0	100,0	100,0	100,0			100,0	100,0		100,0	100,0
113,2	113,5	88,9	100,9			94,2	106,7		94,3	106,7

(2) Pesos e volumes incluídos no "da árvore".

ENLEIRAMENTO PERMANENTE — 2.a SÉRIE — 1.o ANO — 1938

Receber do café = 1			Depois de sêco — Café em côco				Com 50 pés constan- tes - Café em côco				Totais de 50 pés	
Varriação			Da árvore		Varriação		Da árvore		Varriação		litros	quilos
kgs.	lts.	kgs.	lts.	kgs.	lts.	kgs.	lts.	kgs.	lts.	kgs.		
198	105	43	300	114	95	34	312	119	99	35	411	154
220	121	48	350	131,5	110	39,5	368	138	116	41	484	179
277	126	52	440	165	115	41	468	175	122	43	590	218
150	100	40	255	95	90	30,5	257	96	90	31	347	127
193	115	46	303	116,5	103	28,2	311	120	106	39	417	159
110	110	44	154	55	100	35,5	157	56	101	36	258	92
153	100	40	245	96,5	90	31,0	261	103	95	33	356	136
69	38	14,5	145	51	35	11,5	166	58	40	13	206	71
230	94	37	335	130	85	26	345	134	87	27	432	161
109	63	26	190	70	57	20	216	79	65	23	281	102
118	82	32	190	76	75	30	216	86	85	34	301	120
118	74	30	175	66	68	23	197	74	76	26	273	100
174	622	250,0	1813	698,0	563	200,2	1913	737	594	211	2507	948
776	506	202,5	1269	468,5	460	160,0	1361	501	488	170	1849	671
151	123	143	149	122	125	140	140	147	121	124	135	141
100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

produção relativa (soma) : 100 para as parcelas não enleiradas e 141 para as que recebem, as de nos 8 e 12, originalmente inferiores e coincidentes com as não enleiradas, a proporção 126,4 a favor do enleiramento permanente, como se explica no texto.

OVO" ENLEIRAMENTO PERMANENTE DA 2.a SÉRIE — 1.o ANO — 1940

159	35	14,0	255	103	29	10,0	280,0	113,2	31,8	11,0	311,8	124,2
243	40	16,0	380	151	35	12,5	383,8	152,5	35,3	12,6	419,1	165,1
89	11	4,4	135	54	9	3,2	143,6	57,4	9,5	3,4	153,1	60,3
84	12	4,8	125	50	10	3,5	143,6	57,4	11,2	4,0	154,8	61,4
64	9	3,6	105	42	8	2,7	120,7	48,2	9,2	3,1	129,9	51,3
32	5	2,0	55	22	4	1,6	69,6	27,8	5,0	2,0	74,6	29,8
44	11	4,4	80	30	9	3,3	95,2	36,0	10,7	3,9	105,9	39,9
33	5	2,0	54	21	4	1,6	103,8	40,3	7,7	3,0	111,5	43,3
83	12	4,8	140	54	10	3,5	157,3	60,6	11,2	3,9	163,5	64,5
68	11	4,4	104	42	9	3,2	123,8	50,0	10,7	3,8	134,5	53,8
61	12	4,8	95	37	10	3,5	123,3	48,0	13,0	4,5	136,3	52,5
53	15	6,0	90	34	12	4,3	130,4	49,2	17,4	6,2	147,8	55,4
500	90	36,0	810	320	75	26,2	920,1	363,4	85,4	29,8	1005,5	393,2
513	88	35,2	808	320	74	26,7	955,0	377,2	87,3	31,6	1042,3	408,8
100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
02,6	97,7	97,7	99,7	100,0	98,6	101,9	103,6	103,8	102,2	106,0	103,6	103,9

dos todos como "meios pés".

QUADRO VII — EFEITOS DO ENLEIRAMENTO

N.º de ordem	Tratamentos	N.º de pés formados	N.º de falhas	N.º de meios pés	N.º de pés efetivos	Ao receber do cafezal				
						Da árvore		Varrição		
						lbs.	kgs.	lbs.	kgs.	
1	Com enleiramento	47	1	2	48,0	412	198	105	43	
2	Sem "	47	2	1	47,5	461	220	121	48	
3	Com "	47	3	0	47,0	581	277	126	52	
4	Sem "	49	0	1	49,5	327	150	100	40	
5	Com "	48	1	1	48,5	374	193	115	46	
6	Sem "	49	1	0	49,0	186	110	110	44	
7	Com "	46	2	2	47,0	325	158	100	40	
8	Sem "	43	6	1	43,5	186	69	38	14,5	
9	Com "	48	1	1	48,5	446	230	94	37	
10	Sem "	43	5	2	44,0	244	109	63	26	
11	Com "	43	5	2	44,0	225	118	82	32	
12	Sem "	44	5	1	44,5	206	118	74	30	
Os 6 com enleiramento		279	13	8	283,0	2363	1174	622	250,0	
Os 6 sem enleiramento		275	19	6	278,0	1610	776	506	202,5	
N.os pro- (Sem enleir. porcionsis (Com enleir.						101	146	151	123	143
						100	100	100	100	100

RESUMO :— Computando-se as 12 variáveis temos como produção relativa a esse tratamento. Dispensando-se, porém, as de nos 8 e 1 porção entre médias passa a ser de 100 para 126,4 a favor do

QUADRO VIII — EFEITOS DO "NOVO" ENLEIRAMENTO

1	Sem enleiramento	42	1	7	45,5	330	159	35	14,0
2	Com "	49	0	1	49,5	505	243	40	16,0
3	Sem "	45	1	4	47,0	175	89	11	4,4
4	Com "	40	3	7	43,5	155	84	12	4,8
5	Sem "	41	4	5	43,5	139	64	9	3,6
6	Com "	37	8	5	39,5	77	32	5	2,0
7	Sem "	38	4	8	42,0	105	44	11	4,4
8	Com "	24	22	4	26,0	14	33	5	2,0
9	Sem "	42	3	5	44,5	179	93	12	4,8
10	Com "	40	6	4	42,0	134	68	11	4,4
11	Sem "	36	9	5	38,5	128	61	12	4,8
12	Com "	31	12	7	34,5	115	53	15	6,0
Os 6 sem enleiramento		244	22	34	261,0	1056	500	90	36,0
Os 6 com enleiramento		221	51	28	235,0	1060	513	88	35,2
N.os pro- (Sem enleir. porcionsis (Com enleir.						100,0	100,0	100,0	100,0
						90,0	100,3	102,6	97,7

(1) Meios pés e 1/3 de pes. calculados todos como "

QUADRO IX — EFEITOS DO

N.º dos lotes	Tratamentos	Total de		Com 30 pés constantes		Com 30 pés em côco	
		30 pés	30 pés	30 pés	30 pés	30 pés	30 pés
1	Sem enleiramento	100	100	100	100	100	100
2	Com "	100	100	100	100	100	100
3	Sem "	100	100	100	100	100	100
4	Com "	100	100	100	100	100	100
5	Sem "	100	100	100	100	100	100
6	Com "	100	100	100	100	100	100
7	Sem "	100	100	100	100	100	100
8	Com "	100	100	100	100	100	100
9	Sem "	100	100	100	100	100	100
10	Com "	100	100	100	100	100	100
11	Sem "	100	100	100	100	100	100
12	Com "	100	100	100	100	100	100
	Os 6 sem enleiramento	100	100	100	100	100	100
	Os 6 com enleiramento	100	100	100	100	100	100
	N.os pro- (Sem enleir. parciais (Com enleir.	100	100	100	100	100	100

(1) Da a

QUADRO X — EFEITOS DO

N.º dos lotes	Tratamentos	Total de		Com 30 pés constantes		Com 30 pés em côco	
		30 pés	30 pés	30 pés	30 pés	30 pés	30 pés
1	Sem enleiramento	100	100	100	100	100	100
2	Com "	100	100	100	100	100	100
3	Sem "	100	100	100	100	100	100
4	Com "	100	100	100	100	100	100
5	Sem "	100	100	100	100	100	100
6	Com "	100	100	100	100	100	100
7	Sem "	100	100	100	100	100	100
8	Com "	100	100	100	100	100	100
9	Sem "	100	100	100	100	100	100
10	Com "	100	100	100	100	100	100
11	Sem "	100	100	100	100	100	100
12	Com "	100	100	100	100	100	100
	Os 6 sem enleiramento	100	100	100	100	100	100
	Os 6 com enleiramento	100	100	100	100	100	100
	N.os pro- (Sem enleir. parciais (Com enleir.	100	100	100	100	100	100

(1) Meios pés e 1/3 de pés rec

NOVO" ENLEIRAMENTO PERMANENTE DA 2.a SÉRIE — 2.o ANO — 1941

formados	N.o de falhas	N.o de meios pés	N.o de pés efetivos	Ao receber do cafezal (1)		Depois de sêco — Café em côco		Com 50 pés constantes - Café em côco	
				lbs.	kgs.	lbs.	kgs.	lbs.	kgs.
				42	1	7	45,5	98	57,0
49	0	1	49,5	79	43,0	54	22,5	55,0	22,7
45	1	4	47,0	207	111,0	135	56,5	143,6	60,1
40	3	7	43,5	118	62,0	78	33,0	89,6	37,9
41	4	5	43,5	76	42,0	55	23,0	63,0	26,4
37	8	5	39,5	33	18,5	25	10,0	31,6	10,1
38	4	8	42,0	60	31,5	42	18,0	50,0	21,4
24	22	4	26,0	69	36,5	48	21,0	92,2	40,3
42	3	5	44,5	60	30,5	42	18,0	47,2	20,2
40	6	4	42,0	68	34,0	42	17,5	50,0	20,8
36	9	5	38,5	98	49,5	66	28,0	85,7	36,3
31	12	7	34,5	107	52,5	72	31,0	104,3	45,6
244	22	34	261,0	599	321,5	410	173,0	466,4	196,8
221	51	28	235,0	474	246,5	319	135,0	422,7	177,4
			100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
			90,0	79,1	76,6	77,8	78,0	90,6	90,1

rvores e do chão en globadamente.

OVO" ENLEIRAMENTO PERMANENTE DA 2.a SÉRIE — 3.o ANO — 1942

formados	N.o de falhas	N.o de meios pés	N.o de pés efetivos	Ao receber do cafezal				Depois de sêco - Café em côco (2)	Com 50 pés constantes. Café em côco		
				Da árvore		Varrição			lbs.	kgs.	
				lbs.	kgs.	lbs.	kgs.	lbs.			kgs.
43	0	7	46,5	136	56	68	27	145	55	156	59
50	0	0	50,0	253	106	90	36	240	92	240	92
46	0	4	48,0	82	29	30	12	73	27	76	28
41	1	7	44,5	110	45	35	15	102	40	114	45
41	4	5	43,5	63	23	18	7	45	17	52	20
37	8	5	39,5	74	30	22	9	63	24	79	30
38	4	8	42,0	42	18	15	6	37	14	44	17
28	16	6	31,0	32	13	13	5	32	11	51	18
44	3	7	47,5	55	22	23	9	53	20	56	26
40	6	4	42,0	84	35	27	10	78	30	93	36
37	8	5	39,5	49	21	33	9	52	19	66	24
32	11	7	35,5	41	17	22	9	43	16	61	23
219	19	36	267,0	427	169	187	70	405	152	450	174
228	42	29	242,0	597	246	209	84	558	213	638	244
			100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
			90,6	139,8	145,5	111,2	120,0	137,7	140,0	141,7	140,2

uzido todos a "meios pés". (2) Da árvore e de varrição englobadamente.

QUADRO XI — RESUMO DE 7 QUADROS (1)

	Com o número real de plantas				Com número constante de plantas		
	N.o de cafeeiros efetivos (3)		Sem enleiramento (2)	Com enleiramento	N.o de plantas calculadas (3)	Sem enleiramento	Com enleiramento
	Sem	Com					
Quadro I	277	287	674	781	100	723	815
Quadro III	287	289	982	1090	100	1026	1129
Quadro IV	262	249	545	514	100	602	605
Quadro V	262	248	222	169	100	257	206
Quadro VI	270	258	413	417	100	447	477
Quadro VIII	261	235	346	346	50	393	408
Quadro IX	261	235	173	135	50	196	177
Somas	1880	1801	3355	3452	—	3649	4417
N.os pro- (de plantas porcionais (de produção	100	95,7	100	103	—	100	121

- i) Resumo dos 7 quadros menos favoráveis ao enleiramento, frações desprezadas.
- 2) Em todos os casos, quilos de “café em côco”.
- 3) Em todos os casos, “pés de café” compostos de três plantas cada um.

QUADRO XII — CORDÕES RECORRIDOS — SOMA DAS 6 REPELIÇÕES — CAFÉ EM COCO — KGS.

		1.º ano de efeitos - 1944						2.º ano de efeitos - 1945						
		Com o n.º real de cafeeiros (1)			Com numero constante de cafeeiros			Com o numero real de cafeeiros			Com numero constante de cafeeiros			
	Mde cafeeiros	lts	Kgs.	M. Populac.	lts.	kgs.	M. Populac.	Mde cafeeiros	lts.	Kgs.	M. Populac.	lts.	Kgs.	M. Populac.
Sem cordões	147	1510	608,5	100,0	2465	993	100,0	146	135,5	49,1	100,0	222	80,7	100,0
Com "	159	1486	606,8	99,7	2243	916	92,2	157	178,5	66,2	134,8	272	101,2	125,4
Quadro XIII		3.º ano de efeitos - 1946						5.º ano de efeitos - 1948						
Sem cordões	227,5	1643	669	100,0	1738	654	100,0	127,8	1485	569,3	100	2003	1067	100
Com "	224,0	1723	641	103,5	1842	684	104,6	131,3	1627	637,2	112	2981	1167	109

(1) Deveriam existir 240 pés no total de cada grupo de 6 repetições. O número de cafeeiros que falta para perfazer aquê total, neste quadro, não representa o de "falhas" reais; corresponde a "replantas" ainda não produtivas, e já ás muito numerosas e constantes em cafezal instalado em terra velhíssima.